



IDENTIDADE HEROICA E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: A MEMÓRIA DO ESPORTE POR ATLETAS OLÍMPICOS

Resumo - O esporte olímpico, assim como outros fenômenos humanos, apresenta as marcas de um fenômeno complexo que se configura como social e se perpetua no atleta como o narrador de eventos que colaboram para a formação de um imaginário esportivo. Isso porque na condição de protagonista do espetáculo ele tanto é o herói de seu tempo como o anônimo em um futuro chamado pós-carreira. Colado a esse papel social distancia-se de outras identidades que o fazem cidadão ou um profissional reconhecido em alguma atividade laboral distante do esporte depois de encerrada a fase competitiva. E nessa condição, mobilizado pelas demandas do meio esportivo, o atleta se vê obrigado a desempenhar a função a ele determinado pelas instituições e patrocinadores, reduzindo seu potencial expressivo como pessoa. O objetivo deste texto é refletir sobre a trajetória de uma pesquisa que, no princípio, buscava dados e, ao se deparar com sujeitos, que não eram objetos, tornou-se um método. Para tanto, o texto apresenta a trajetória teórico-epistemológica de um processo que percorre mais de duas décadas e se apresenta vivo e em mutação.

Palavras-chave: narrativas biográficas; atletas olímpicos; método; memória.

HEROIC IDENTITY AND BIOGRAPHICAL NARRATIVES: THE MEMORY OF SPORT BY OLYMPIC ATHLETES

Abstract – The Olympic sport, as well as other human phenomena, presents the marks of a complex phenomenon that configures itself as social and perpetuates in the athlete as the narrator of events that contribute to the formation of a sports imaginary. This is because as a protagonist of the show he is both the hero of his time and the anonymous in a future called post-career. Glued to this social role, it distances itself from other identities that make it a citizen or a recognized professional in some work activity away from sport after the competitive phase is over. And in this condition, mobilized by the demands of the sports environment, the athlete is obliged to perform the function determined by the institutions and sponsors, reducing his expressive potential as a person. The objective of this text is to reflect on the trajectory of a research that at first it sought data, and when it came to subjects who were not objects, it became a method. To this end, the text presents the theoretical-epistemological trajectory of a process that goes more than two decades and is alive and changing.

Keywords: biographical narratives; Olympic athletes; method; memory.

IDENTIDAD HEROICA Y NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: LA MEMORIA DEL DEPORTE DE LOS ATLETAS OLÍMPICOS

Resumen - El deporte olímpico, así como otros fenómenos humanos, presenta las marcas de un fenómeno complejo que se configura como social y se perpetúa en el atleta como narrador de eventos que contribuyen a la formación de un imaginario deportivo. Esto se debe a que, como protagonista del programa, es a la vez el héroe de su tiempo y el anónimo en un futuro llamado post-carrera. Pegado a este papel social, se distancia de otras identidades que lo convierten en ciudadano o profesional reconocido en alguna actividad laboral fuera del deporte una vez que termina la fase competitiva. Y en esta condición, movilizado por las demandas del entorno deportivo, el atleta está obligado a realizar la función determinada por las instituciones y patrocinadores, reduciendo su potencial expresivo como persona. El objetivo de este texto es reflexionar sobre la trayectoria de una investigación que, en Al principio buscó datos, y cuando se trataba de sujetos que no eran objetos, se convirtió en un método. Con este fin, el texto presenta la trayectoria teórico-epistemológica de un proceso que lleva más de dos décadas y está vivo y cambiando.

Palabras-clave: narrativas biográficas; Atletas olímpicos; método memoria.

Katia Rubio

Faculdade de Educação

Universidade de São Paulo, Brasil

katrubio@usp.br

<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v3.id85>

Recebido: 15 Dez 2019

Aceito: 29 Dec 2019

Publicado: 31 Dec 2019

Introdução

Há muito a história anda de mãos dadas com a cultura e a psicologia social. Se tempos atrás essa proximidade e confusão pareciam causar mal-estar aos defensores do conhecimento e do pensamento com fronteiras, na atualidade essa convivência não apenas é bem-vinda como também esperada uma vez que a ciência é cada vez mais pródiga em apresentar referências inéditas nascidas da proximidade entre diferentes teorias. O diálogo, mais do que desejado se mostra necessário.

Alguns temas encontram-se hoje nessa zona fronteira entre diferentes campos do saber. A memória é um deles. Gesto essencialmente humano por somar afetividade, cognição, historicidade e cultura, tendo como figura central a pessoa que narra o que recorda, na memória estão contidas as marcas do tempo e dos grupos sociais aos quais pertencemos. Tema caro à história, à antropologia, psicologia, à psicofisiologia, às neurociências e à biologia, passou a ser do interesse da sociologia e, quando o entendimento da memória saltou do campo da aprendizagem, da subjetividade e da educação e alcançou o campo social com a memória coletiva.

A memória humana é para Halbwachs¹ uma reprodução das experiências passadas, ela é uma construção que se faz a partir do passado, porém em função da realidade presente com os recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura. Por isso, a memória social é a essência do conhecimento coletivo, reconhecido por um grupo específico balizado por um contexto. É um fenômeno construído social e individualmente.

Le Goff² aponta que a memória coletiva além de uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. “São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, essa manifestação da memória” (p. 435). Essa postura implica em dar voz, ou ainda deixar expressar pela oralidade, tantos quantos forem os narradores de um determinado grupo social.

O esporte olímpico, assim como outros fenômenos humanos, apresenta as marcas de um fenômeno complexo que se configura como social e se perpetua no atleta como o narrador de eventos que colaboram para a formação de um imaginário esportivo. Isso porque na condição de protagonista do espetáculo ele tanto é o herói de

seu tempo como o anônimo em um futuro chamado pós-carreira. Colado a esse papel social distancia-se de outras identidades que o fazem cidadão ou um profissional reconhecido em alguma atividade laboral distante do esporte depois de encerrada a fase competitiva. E nessa condição, mobilizado pelas demandas do meio esportivo, o atleta se vê obrigado a desempenhar a função a ele determinado pelas instituições e patrocinadores, reduzindo seu potencial expressivo como pessoa.

O objetivo deste texto é refletir sobre a trajetória de uma pesquisa que, no princípio, buscava dados e, ao se deparar com sujeitos, que não eram objetos, tornou-se um método. Para tanto, o texto apresenta a trajetória teórico-epistemológica de um processo que percorre mais de duas décadas e se apresenta vivo e em mutação.

As narrativas biográficas

O trânsito entre o individual e o coletivo foi, sem dúvida, um dos agentes mobilizadores para a busca e o desenvolvimento das narrativas biográficas como método. O início desse percurso metodológico se deu a partir das histórias de vida. Entendidas como uma forma particular de história oral, foram utilizadas como um instrumento para captar e organizar a memória por apreender valores que transcendiam o caráter individual do que era transmitido e que se insere na cultura do grupo social ao qual narrador pertence³. Essa construção considera os dados relevantes da trajetória do narrador dando uma ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é nesse momento. A atitude reflexiva permite a reexperimentação de situações passadas não apenas do ponto de vista do desenrolar dos fatos, mas pela ressignificação de episódios marcantes para o narrador, que se permite inverter (ou subverter) a narrativa obedecendo a uma cronologia própria da afetividade implicada no evento ocorrido, dando ao seu texto um contexto. O encontro com a produção de Bosi⁴, Delgado⁵, Ferraroti⁶ e Meyer⁷ apontou os caminhos da Psicologia Social e da Antropologia para o entendimento de histórias pessoais relacionadas ao esporte.

Esse quadro ganhou complexidade quando as questões relacionadas à formação da identidade e ao cenário político geral e específico passaram a compor as narrativas coletadas. Não escapou à escuta desses depoimentos os processos migratórios vividos principalmente pelos atletas originários do norte-nordeste, a discriminação de gênero enfrentada pelas mulheres ou as raciais e de identidade sexual, a alteração de atitude em

função da necessidade de superar o assédio moral ou mesmo o abuso sexual por parte de dirigentes ou membros de comissões técnicas, exigindo outros referenciais de análise para a compreensão desses cenários.

Confirmou-se então a proposição de Hall^{8,9} e de Ferraroti⁶, segundo a qual não há isenção para o pesquisador, principalmente nas Ciências Humanas, e que o observador está intimamente implicado com sua pesquisa, que altera continuamente seu campo de observação, na medida em que interage com ele. Estar diante dos fenômenos sociais, descrevê-los, analisá-los, significa atuar. Essa condição é ainda mais aguda quando se está diante de um narrador mobilizado e sensibilizado por remexer uma história que, em muitos casos, estava como que embrulhada cuidadosamente em papel de seda e guardada dentro de um armário distante da luz e do ar. Ao revirá-las, de lá saíram novas significações para fatos devidamente acomodados em um momento histórico em que isso foi necessário. O passado trazido para o presente revive no narrador situações esquecidas ou deliberadamente escondidas, que passam a exigir um tributo por terem sido ‘acordadas’.

Poirier, Valladon e Raybaut¹⁰ entendem que com as histórias de vida o investigador tentará encontrar o ele, o campo exterior da personalidade, a envolvente do narrador num momento dado, ou seja, aquele a quem atribuiu um valor pessoal (dando-lhe, assim, uma existência em si e fora de si). Dessa forma, a história de vida “[...] é considerada não como um produto acabado, tal como é geralmente apresentada, mas como uma matéria prima sobre a qual, e a partir da qual, se tem de trabalhar” (p. 38).

O exercício da narrativa envolve o esforço da busca de imagens e lembranças do passado de alguém que transforma essas informações em verbalização, ou escrita, promovendo, assim, a recriação ou transcrição de uma história¹¹. Nessa dinâmica estão implicados o exercício da memória, a ação do recordar, a captura do tempo e a transposição para uma forma de linguagem. Se no passado a oralidade era a via principal das produções narrativas, a linguagem escrita se apropriou dessa construção e, depois, se desdobrou em diferentes estilos, fosse poético, romanesco, informativo e, por que não, deformativo.

Por isso a importância de a narrativa ser tomada como linguagem a partir da dimensão adotada pelos Estudos Culturais^{8,9,12}, tomada como uma posição privilegiada na construção e circulação do significado. A linguagem vai além do relato ou da

transmissão com neutralidade dos significados e passou a constituir-los. Dessa forma, os considerados fatos naturais, também denominados realidade, são tidos como fenômenos discursivos, cujos significados surgem a partir dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais estão inseridos. E assim, o discurso não é entendido no seu aspecto linguístico ou como um conjunto de palavras, mas como um conjunto de práticas que produzem efeitos no sujeito.

Nessa perspectiva, tudo o que se pensa ou se diz da realidade é um reflexo e uma projeção da experiência vivida como real, independente da afirmação dessa realidade exterior ao sujeito e dos sentidos que são dados a ela. Isso representa a existência de uma materialidade conectada com o que se pensa e se diz, ligada ao discurso. Embora a realidade seja intangível, ela existe e que está conectada com a representação que se tem dela¹³.

As memórias históricas orais englobam fenômenos da memória social que, conforme Sá¹⁴, constituem as fontes não documentais com que lida a história oral. A preocupação do psicólogo social se dá não com a preservação dos relatos ou com a confiabilidade das fontes, “mas com o processo e com as circunstâncias segundo os quais tais memórias são construídas, reconstruídas ou atualizadas por conjuntos sociais mais ou menos amplos e, por diferentes critérios, suficientemente circunscritos (p. 294)”.

Se na oralidade a recriação de uma narrativa era uma constante entre as gerações, a linguagem escrita operou uma restrição na forma de comunicação do conteúdo narrado, restando ao leitor a capacidade de multiplicar interpretações sobre o texto. As representações verbais da memória permitem a recriação da história do sujeito, favorecendo a elaboração de construções identitárias. Nesse sentido, essas narrativas biográficas são também narrativas identitárias e favorecem diferentes perspectivas de análise¹⁵⁻²⁰.

As narrativas biográficas são entendidas como discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo e das próprias experiências acumuladas na trajetória da existência.

Schütze²¹ entende que essa forma de narrativa, carregada de experiências pessoais de caráter cotidiano, promove uma proximidade das situações vivenciadas pelo

narrador tanto no que se refere à intensidade como à veracidade dos fatos. Isso é possível por se entender que o narrador expressa uma história única e singular.

As narrativas biográficas dos atletas olímpicos brasileiros, iniciadas como histórias de vida, constituíram-se como reencontro do sujeito-atleta com sua subjetividade, do indivíduo-atleta com sua identidade, ou identidades, e da pessoa-atleta com a sociedade no momento em que operava um ser competitivo e de vida pública, no caso dos pós-atletas, e, no presente, como atores de outros papéis sociais. Essas posições do sujeito tornaram-se manifestas tanto para alguns atletas, como para mim, na condição de pesquisadora, a partir do encantamento que ambos viviam com a elucidação de um fato não significado anteriormente. Esses *insights** ajudavam, por um lado, o atleta a elaborar situações vividas e não esclarecidas até aquele momento, fosse pela impossibilidade de revivê-las ou pela simples falta de oportunidade estimulá-las; por outro, permitiram que eu “conversasse” com o método e fosse entendendo o que ele não era. Durante um tempo acreditei que fosse história de vida, depois, que se tratasse de história oral, ou quase biografias, até chegar às narrativas biográficas.

Ricoeur²⁴ entende que existe, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal.

Os Estudos Olímpicos e as narrativas biográficas

Atletas olímpicos são pessoas altamente habilidosas que apresentam sua capacidade em competições que remontam um imaginário heroico constituído desde a Antiguidade. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna foram concebidos por Pierre de Coubertin no final do século XIX com a finalidade de institucionalizar práticas de atividades físicas que transformava o esporte em um empreendimento educativo, moral e social, destinado a produzir reflexos no plano dos indivíduos, das sociedades e são considerados a face pública do Movimento Olímpico^{25,26}.

* Para a Psicologia, o termo *insight* é entendido como compreensão interna, compreensão súbita, apreensão súbita, visão súbita, discernimento, perspicácia²². Diante da impossibilidade de tradução literal, refere-se a esse conceito o neologismo intravisão²³.

Os Estudos Olímpicos situam-se como um campo de produção de conhecimento que se propõe a estudar o Olimpismo na sua dimensão sociocultural. O Olimpismo refere-se ao conjunto de valores pedagógicos e filosóficos do Movimento Olímpico, e não aos aspectos formais que sustentam a instituição e o fenômeno olímpico. A Carta Olímpica²⁷ apresenta o conceito de Olimpismo enquanto “uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades do corpo, espírito e mente, combinando esporte com cultura e educação (p. 8)”.

Nessa definição se destaca o caráter transdisciplinar do Olimpismo tanto do ponto de vista do praticante ao apontar o equilíbrio entre corpo, mente e espírito, como de diferentes manifestações sociais como o esporte, a cultura e a educação. Nesse mesmo sentido, Müller²⁸ (p. 14) entende o Olimpismo como uma espécie “de excesso de esforço, de transcendência do homem enquanto uma unidade psicossomática, os quais revelados pela e na prática do esporte são encontrados na consciência, para integrar todos os valores humanos na educação do corpo e da mente”.

Em ambas as definições as questões basilares do fenômeno olímpico residem na expressão sociocultural dos Jogos Olímpicos. Nessa perspectiva, o esporte olímpico, é uma das expressões do movimento do corpo humano, e apresenta as marcas de um fato que se configura como social e se perpetua no atleta, o protagonista do espetáculo, como o narrador de eventos que colaboram para a formação de um imaginário esportivo²⁹⁻³⁶, e, conforme aponta Ricoeur²⁴ (p. 41) “o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história”.

A busca pela história de vida, transformada em narrativa biográfica de atletas, se deu em função da necessidade de entendimento de uma trajetória absolutamente única, atrelada a um conjunto que envolve habilidade física/motora excepcional, condições materiais para uma prática regular que leva à excelência e uma dose de eventos incontroláveis e imponderáveis como a realização de uma prova ou competição que permitiu ao atleta mostrar sua potencialidade e conseguir a permissão para viver a experiência olímpica que se realiza a cada quadriênio. Esse conjunto de fatores de ordem objetiva, controlável e programável caminha *pari passu* com outros de cunho institucional, externo ao sujeito, e que também exerce sobre o atleta, influência e efeito de caráter incontrolável, que pode, inclusive, impedir o acesso aos Jogos Olímpicos, mesmo depois de conquistar índices ou marcas para tal. Essas questões marcam

indelevelmente a vida de todos aqueles que chegaram a uma competição olímpica, fazendo então com que esse momento seja mais do que um marco no currículo esportivo de um atleta, para se transformar em uma experiência iniciática, com os componentes do imaginário heroico estudado anteriormente²⁹.

O método das narrativas biográficas desenvolveu-se a partir do referencial da história das mentalidades^{2,37}, história oral^{11,19,38}, da história de vida³⁹⁻⁴³ e da memória social^{1,44} afirmando-se como um campo epistemológico, entendido como tal a partir ruptura com os referenciais citados, por organizar o fato vivido pelos atletas. Não se trata de história, conforme assim o definem historiadores, baseada em fatos registrados em documentos, arquivados em instituições, dos quais se pode buscar as informações necessárias para a afirmação ou confirmação sobre um fato ocorrido. O contato com as narrativas dos atletas aponta para a heterogeneidade e a singularidade como agentes unificadores desse grupo, cuja lembrança do passado levava à exposição de marcas, como cicatrizes, já absorvidas com diferentes impactos pelos narradores. Isso porque, entre a experiência vivida e o momento narrativo havia um lapso temporal de poucos anos ou algumas décadas, conferindo coloridos e desbotamentos às memórias, conforme o impacto da vivência e da dinâmica dos acontecimentos da vida pós-atleta. Dessa forma, a memória não é apenas uma reprodução de experiências vividas, mas uma recriação do passado a partir das lembranças acumuladas, do momento recriado e das influências do contexto social e cultural da pessoa. A fidelidade ao passado é uma ambição, uma pretensão, conforme Ricoeur⁴⁵, porém não há nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, antes que se declarasse a sua lembrança.

Quando os atletas referem-se à sua trajetória esportiva eles trazem em suas narrativas a lembrança de pessoas e profissionais que influenciaram e determinaram o desejo pelo esporte, pela busca de melhores condições de vida e de treinamento ou a convivência com outros atletas que também competiam naquele momento histórico e cujas carreiras se cruzaram apontando para a necessidade premente de contextualizar essas situações para promover o entendimento de episódios marcantes de suas vidas e de seus resultados⁴⁰. Em se tratando de atletas de modalidades coletivas essa condição é ainda mais evidente porque vários deles narram suas memórias sobre um mesmo conteúdo vivido a partir de diferentes pontos de vista, apresentando novos conteúdos,

uma nova história, apontando para a subjetividade que envolve a construção e elaboração desse tema ainda que vivido coletivamente. Assim também se apresentam as pesquisas nas quais os seres humanos são convidados, instigados, levados a refletir ou narrar suas histórias na condição de espectadores de vivências privadas ou compartilhadas publicamente. Da porta de entrada, quando é acionada a câmera e o narrador é convidado a realizar uma viagem pelas histórias de sua vida, até o centro do labirinto onde residem as mais profundas emoções de um passado de glórias ou frustrações, há um longo caminho a ser percorrido com ou sem um fio de Ariadne, assessorio de importância vital para os não portadores de um certo domínio das armadilhas do inconsciente.

Política, favorecimentos, corrupção são alguns dos dados obtidos por meio das narrativas da memória pessoal de muitos olímpicos brasileiros. Após a construção dessas categorias foi possível observar a agilidade para identificar dados que saltavam dos gráficos finalizados. Os dados dessa pesquisa geraram artigos, livros, capítulos em diversas coletâneas, dissertações, teses e ainda há uma infinidade de dados para serem trabalhados, gerando novas trilhas, caminhos e vias expressas em um mapa bidimensional. Enquanto os mapas eram detalhados o método da pesquisa foi paulatinamente desenvolvido. Cada uma das mais de 1.300 entrevistas realizadas provocava uma discussão que envolvia desde os cuidados com a aproximação dos entrevistados à postura do entrevistador diante dos fatos narrados. Memória, lembrança, afeto, confidencialidade, rigor temporal foram questões que levaram ao deslocamento do método da história oral para a história de vida chegando às narrativas biográficas²⁵.

Mais do que estabelecer categorias de análise ou ainda retalhar o discurso do sujeito no encaixe de direções que, ao final, provassem algo, o que se buscou ao longo desses anos foi dar voz àqueles que a metodologia científica determinou chamar de sujeitos. Desde então, passadas quase duas décadas de buscas, é possível se ter cada vez mais tranquilidade para assumir que ouvir e contar histórias não é menos acadêmico, ou científico, do que qualquer outra forma de produzir conhecimento. O que muda é a forma de olhar para o mundo, para as pessoas e para o próprio texto que brota dos encontros com seres que nos tornam mais humanos.

O encontro mítico com a identidade heroica

Se para a sociedade como um todo o referencial mítico do herói serve como parâmetro para justificar atitudes competitivas, no esporte essa referência ganha força redobrada, uma vez que a vitória é tida por muitos como o valor maior.

Herói é o nome dado por Homero aos homens que possuem coragem e méritos superiores, favoritos entre os deuses.

O mito do herói pode ser encontrado na mitologia clássica da Grécia e Roma, na Idade Média, no Extremo Oriente e entre as tribos primitivas contemporâneas. Mais que um mito o herói é um arquétipo com significado psicológico tanto para o indivíduo – no seu esforço em encontrar e afirmar sua personalidade – como para a sociedade – na sua necessidade análoga de estabelecer uma identidade coletiva.

O caminho comum da aventura mitológica do herói, segundo Campbell⁴⁶, está na magnitude da fórmula representada nos ritos de iniciação cuja dinâmica segue o modelo de separação-iniciação-retorno, denominada ‘unidade nuclear do monomito’. Esse modelo está pautado numa sequência que envolve uma separação do mundo, a penetração em alguma fonte de poder e o regresso a vida para vivê-la com mais sentido. Isso representa dizer que o herói é toda pessoa que conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais e alcançou seus desejos e objetivos, ainda que parecessem impossíveis ou improváveis.

Segundo pesquisas já desenvolvidas^{3,25,26,40}, o atleta olímpico representa uma espécie de herói onde quadras, campos, piscinas e pistas assemelham-se a campos de batalhas em dias de grandes competições. Conforme demonstrado, existem relações entre o atleta olímpico e o modelo da unidade nuclear do monomito proposto por Campbell⁴⁶: há um chamado para a prática esportiva, que em muitos casos significa deixar a casa dos pais e enfrentar um mundo desconhecido e, por vezes, cheio de perigos. Sua chegada ao clube representa a iniciação, propriamente dita, um caminho de provas que envolve persistência, determinação, paciência e um pouco de sorte. A coroação dessa etapa é a participação na Seleção Nacional, seja qual for a modalidade, espaço reservado aos verdadeiros heróis e lugar onde há o desfrute dessa condição. E, finalmente, há o retorno, muitas vezes negado, pois devolve o atleta-herói à sua condição mortal, e na tentativa de refutar essa condição são tentadas fugas mágicas (como a desmotivação em retornar ao seu clube de origem), porém, por paradoxal que

seja, é apenas nesse momento que ele encontra a liberdade para viver. Essa condição extraordinária, que envolve inevitavelmente a superação de limites, torna o atleta alvo de identificações e projeções, levando-o a ser adorado por sua torcida, e odiado e as vezes respeitado pelos adversários.

A trajetória de um atleta olímpico guarda algumas semelhanças com o processo diaspórico vivido por muitos dos que partem de seus locais de origem buscando melhores condições de vida ou fugindo de alguma tragédia ou conflito.

No caso específico do Brasil essa mobilização se dá em função das desigualdades sociais, que são também regionais, o que leva a pessoa habilidosa a buscar melhores condições de vida e de treinamento, em outras cidades ou regiões⁴⁷⁻⁴⁹. Esse deslocamento se assemelha a um movimento migratório isso porque considerando a dimensão continental do território brasileiro, o distanciamento físico leva a vivência de uma espécie de diáspora, visto que a partir do momento em que o atleta passa a viver distante de sua origem ele passa a vivenciar a condição de “o outro”, ainda que seu nível de habilidade esportiva o assemelhe a outros atletas com igual ou menor nível que si.

Esse percurso físico também produz um percurso narrativo que se constrói a partir das experiências vividas e incorporadas na trajetória de vida, que se articula com a produção de sentido gerada por essas experiências, articuladas no futuro em forma de memória^{43,47,48}. Fatos, emoções, sensações, experiências individuais e compartilhadas sedimentam-se em um plano de afetividade que se concretiza na memória constituindo-se com o um mapa usado pela pessoa que trafega pela memória, por sua história de vida, constituindo assim sua cartografia biográfica. O trânsito por essas imagens mentais permitem por sua vez o acesso à topografia biográfica organizada a partir de diferentes níveis de vivência e subjetivação do momento descrito, tais como o entendimento da própria origem não apenas do ponto de vista familiar, mas também geográfico; a compreensão do momento histórico relacionado com a situação descrita tanto do ponto de vista dos acontecimentos do país como do mundo. A essa construção subjaz a formação da identidade do atleta olímpico brasileiro e o imaginário que circula em seu entorno.

A importância do entendimento do percurso vivido e elaborado por quem experimenta as marcas do deslocamento baseia-se no trabalho de Hall⁸ para quem a subjetividade é o ponto de partida para a construção de qualquer discurso,

independentemente de sua localização histórica. Se o seu olhar de pesquisador recaiu sobre a identidade daqueles que migram em um mundo globalizado, marcado pelo discurso do pertencimento favorecido por elos transnacionais, neste trabalho o que se busca é o entendimento das identidades dos atletas olímpicos que a seu tempo e a sua maneira viveram esse processo ao longo de suas carreiras esportivas.

Hall⁹ utiliza o termo identidade para significar o ponto de encontro entre os discursos e práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro, os processos produtores de subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (p. 112).

Hall⁹ entende que ao longo do último século o sujeito viveu uma crise em sua suposta identidade única para se ver diante da possibilidade de identidades múltiplas. Essas identidades, constituídas no interior de práticas de significação, são produzidas em locais históricos e institucionais únicos, emergindo das relações de poder, sendo produto da diferença e não de uma unidade idêntica, da prática da alteridade.

A identidade e a diferença, conforme Silva⁴⁹, são ativamente produzidas. Isso quer dizer que elas são o resultado de atos de criação linguística e é apenas por meio dos atos de fala que são instituídas a identidade e a diferença como tais. Isso não quer dizer, entretanto, que elas são determinadas pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição. Ocorre que a linguagem, entendida aqui de forma mais geral como sistema de significação, é, ela própria, uma estrutura instável. É precisamente isso que teóricos pós-estruturalistas como Jacques Derrida vêm tentando dizer nos últimos anos. A linguagem vacila. Ou, nas palavras do linguista Edward Sapir[†] (1921, p. 16 apud Silva, 2000, p. 78), “todas as gramáticas vazam”.

Com importantes desdobramentos sobre o debate da identidade e da diferença, as características de linguagem, como a indeterminação e a instabilidade, estarão prontas a produzir nos sujeitos as marcas de seu tempo.

Para Rey⁵⁰ o sujeito se exerce na legitimidade de seu pensamento, de sua reflexão e suas conseqüentes decisões. Logo, a integração do singular na esfera do social instaura um diálogo que busca a normatividade através de si e não da lógica

[†] Sapir E. *Language: an introduction to the study of speech*. San Diego: HJB Books; [1921] 1949.

dominante das relações de poder, entretanto para o autor, esse diálogo é inviável se o sujeito tiver de se negar para ser socialmente aceito, fato observável em sociedades totalitárias. Assim como as identidades, a subjetividade não se ampara em uma ordem universal prévia, uma vez que o processo de subjetivação se dá pela ação do sujeito nos vários espaços em que atua, produzindo sentidos subjetivos em cada uma dessas esferas da vida social. Nessa relação contraditória entre a norma regulatória e a subjetividade é que se institui a possibilidade de se influir no cenário social, por meio da ação humana, uma vez que a história subjetiva se constrói por um percurso social que, de certa maneira, é singular e constitui o sujeito ao longo desse processo. Os fragmentos de sentido que compõem essa história, portanto, não são sociais e sim subjetivos, constituídos em um sujeito concreto. É importante considerar, nessa análise, que os processos subjetivos, portanto, não são racionais, embora se expressem na razão e por ela sejam influenciados, mas se organizam a partir de uma produção histórica de sentidos, a qual a razão está subordinada e não o contrário.

A memória, a história e a narrativa

Os Jogos Olímpicos representam muito mais do que uma competição. Eles se constituem como um fenômeno sociocultural contemporâneo de impacto global, cuja narrativa está diretamente associada aos protagonistas desse espetáculo, a saber, os atletas. Atores de um momento que pode ser eternizado ou esquecido, o atleta é um ser social cuja identidade está diretamente relacionada ao papel que provoca profundos impactos em um período de sua existência.

Estar atleta olímpico é uma condição temporária que marca a vida de todos aqueles que conseguiram participar de uma edição olímpica. Essa distinção, porém, pode ter a potência de uma tatuagem, cuja forma e cor pode ser uma escolha, ou a dor de uma cicatriz, marca essa carregada no corpo, cuja lembrança remete a dor⁵¹.

Tanto a narrativa pessoal do atleta como a narrativa social relacionada aos feitos olímpicos são construções fundamentadas no testemunho de si próprio no mundo. A constituição ontológica do *homme capable*, em *soi-même comme un autre*, implica a consideração de quatro dimensões fundamentais do testemunho de si próprio no mundo: a linguagem, a ação, a narrativa e a ética, conforme Ricoeur⁵². Para o autor, a narrativa constrói o caráter durável de um personagem, que se pode chamar de identidade

narrativa. O conhecimento de si próprio é uma interpretação, que encontra na narrativa uma mediação privilegiada. Se não é possível um conhecimento direto de nós próprios, nada impede uma mediação interpretativa de nós mesmos, através do uso de uma linguagem narrativa.

Ricoeur²⁴ entende que entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana existe uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural, “O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (p. 93).

A questão inicial que mobilizou a pesquisa *Memórias Olímpicas* por atletas olímpicos brasileiros era a relação que havia entre a escolha pela carreira de atleta e uma atitude heroica que se revelava no tipo de vida que essas pessoas se determinavam a ter depois dessa escolha. Era necessário também buscar caminhos metodológicos que oferecessem a possibilidade concreta de interpelação e interpretação dos dados, que jorravam como água de uma mina abundante.

A pesquisa teve início com os medalhistas olímpicos, atletas que desde 1920 participaram de Jogos Olímpicos e por seus desempenhos alcançaram o pódio, local destinado apenas aos três melhores resultados na competição. Isso significava um número restrito de atletas, afinal, dos 2.128 brasileiros que participaram de alguma edição olímpica, apenas 374 (sendo 108 mulheres e 266 homens) alcançaram esse lugar, superando todas as limitações de ordem pessoal, social e material. O contato com esse grupo deu início a um processo denominado cartografia do imaginário esportivo brasileiro³, cujas memórias apontaram para situações relacionadas a treinamentos, competições, a estrutura institucional do esporte brasileiro, sempre pela perspectiva e compreensão do protagonista do espetáculo esportivo.

Foram necessários alguns anos para entender a natureza desse trabalho, que se aproximava de uma “história das mentalidades”, assim como define Le Goff². Para o autor, “o primeiro atrativo das mentalidades reside precisamente na sua imprecisão (p. 68)”, e efetivamente comecei a perceber, ao longo do encontro e contato com os atletas, que a heterogeneidade e as diferenças eram o agente unificador desse grupo, tornando a própria pesquisa imprecisa. Inúmeras vezes foi preciso responder de forma imprecisa aos questionamentos sobre como realizar a análise dos dados obtidos pelas entrevistas,

uma vez que a opção metodológica adotada estava claramente distante da análise do discurso ou do conteúdo, caminho mais curto para quem busca a pesquisa com entrevista.

No processo de organização das lembranças traduzidas em narrativas estão implicadas questões caras ao campo da memória social, isso porque, conforme sugere Halbwachs¹, a memória não é uma reprodução literal de experiências vividas, mas uma recriação do passado a partir das vivências acumuladas, do momento vivido e das influências do contexto social e cultural do sujeito. Para o autor, “nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida. Por história devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto”.

Ao se referir à própria trajetória, invariavelmente, os atletas trazem em suas narrativas a lembrança de pessoas e profissionais que influenciaram o desejo pelo esporte, pela busca de melhores condições de vida e de treinamento ou a convivência com outros atletas que também competiam naquele momento histórico e cujas carreiras se cruzaram, apontando para a necessidade premente de contextualizar essas situações para promover o entendimento de episódios marcantes de suas vidas e de seus resultados. Destaque-se, nesse processo, que os resultados competitivos obtidos, sejam eles vitoriosos ou não, estão intimamente associados a conjunções adversativas que visam estabelecer ideias de oposição, contraste ou compensação a respeito desses episódios. Essas construções são ainda mais comuns entre os que ocuparam as segundas ou terceiras posições no pódio ou ainda entre os que não chegaram a nele subir.

Em se tratando de atletas de modalidades coletivas, essa condição é ainda mais evidente porque vários deles narram suas memórias sobre um mesmo conteúdo vivido, apontando para a subjetividade que envolve a construção e elaboração desse conteúdo ainda que vivido coletivamente. Percebida essa multiplicidade de interpretações, e, conseqüentemente, de verdades sobre um mesmo fato, passei a adotar uma postura mais compreensiva e menos analítica da narrativa, por entender que cada pessoa carrega uma verdade sobre uma situação ocorrida. Mais do que verdades universais, o trato com as narrativas sugere verdades parciais, individuais ou mesmo momentâneas, afirmadas na intensidade das memórias que emergem sobre o tema em questão.

Ariés⁵³ (1990) aponta que no tempo presente, vivido pelo historiador, está a origem do interesse pelas mentalidades, que busca a ruptura entre o tempo do historiador e o tempo da história propriamente dita, o passado. “A análise dessas transferências de ideias e de sensibilidade permite subtrair do presente fatias do passado e adelgaçar o presente a ponto de torná-lo transparente (p. 173)”. A observação dessas rupturas permite, inclusive, o entendimento das transformações nas instituições e a influência destas no desenrolar da carreira dos atletas.

Quando se iniciou a busca pelos atletas medalhistas, foram encontrados vários deles na condição de “pós-atletas[‡]” com a ruptura entre presente e passado materializada^{51,54-55}. Parte dessas trajetórias foi marcada pela vida competitiva, pela glória e visibilidade que a atividade esportiva lhes conferia, e após o afastamento dessa etapa desenvolveram outras identidades, vinculadas ou não ao esporte. Alguns desses atletas tiveram sua imagem indelevelmente associada ao longo de anos ou décadas à modalidade que praticaram e aos títulos que conquistaram, mas a maioria deles tem essas imagens de realizações guardadas em álbuns, fitas de vídeo e lembranças pessoais registradas na própria memória. A depender de como se deu esse processo de construção da nova identidade, ou mesmo do sucesso alcançado após a mudança, a narrativa construída como sujeito “do presente” carrega com cores mais acentuadas ou tênues as glórias ou dissabores do passado. Ou, em outros casos ainda, esse processo não ocorreu, ainda que muitos anos tenham se passado, e a narrativa, então, vem carregada de uma mescla confusa do passado com o presente, com referências recorrentes a um sujeito que já não mais existe, mas que permanece maior e mais forte do que a pessoa que narra a própria trajetória no presente.

Essa constatação confirma a tese de Pollak⁵⁶ de que a memória é, em parte, herdada e não se refere apenas à vida física da pessoa. Ela sofre flutuações em função do momento em que está sendo processada e manifestada, por isso a necessidade de se entender os motivos que levam a sua estruturação. Daí a afirmação de que a memória é um fenômeno construído. Entende-se por fenômeno construído a expressão verbalizada de um fato ressignificado pelo narrador, posto que se refere a algo já ocorrido e

[‡] Termo utilizado para se referir aos atletas que já viveram a transição de carreira, deixaram de ser atletas competitivos de nível olímpico e no presente desempenham novos papéis sociais⁵¹. Isso porque entendemos que o atleta não perde o esse vínculo com o seu passado, daí a impossibilidade de ser designado como um ex-atleta.

presentemente revivido por meio da fala, na qual ganha nova forma tanto descritiva quanto afetiva.

Pollak⁵⁶ aponta que tantos os acontecimentos vividos pessoalmente como aqueles compartilhados, seja pelas lembranças de outros ou pela oralidade, constituem a memória individual e a coletiva, “Podem ser acontecimentos dos quais a pessoa nem participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (p. 02).

Há que se destacar o fato de que a memória pessoal está situada no cruzamento das redes nas quais nos encontramos no presente e das múltiplas interferências determinadas pela vida em sociedade.

Halbwachs¹ afirma que somos levados a lembrar de algo porque assim nos fazem agir aqueles que vivem e compartilham conosco, sem que para isso seja necessário estarmos juntos de forma presencial.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele (p. 51).

Da inevitável relação entre o indivíduo com o grupo ao qual pertence faz-se a percepção do eu e do outro e também se registram as marcas que pontuam as histórias de vida, tanto em uma perspectiva cronológica e linear quanto na recursividade da memória que trafega de forma cíclica, movida pelas redes de significados criadas com a finalidade de responder aos acontecimentos de uma existência.

As imagens emergentes das narrativas biográficas, em forma de mitemas recorrentes, permanecem como franjas que se soltaram da malha das narrativas, isso porque esse estudo se estende para além de marcos históricos e sociais e adentra o campo da subjetividade, marcado por construções simbólicas que devem ser entendidas nesse contexto⁵³⁻⁶⁰. Mergulhando no campo da subjetividade, observa-se nas narrativas dos atletas olímpicos brasileiros elementos com inúmeros componentes simbólicos e representações metafóricas que devem ser entendidos a partir da perspectiva da imaginação, sob a ótica de Bachelard⁶¹ como poética que a apreende como fonte

criadora. Constituído como imaginário independe dos conteúdos acidentais da percepção experimentada. Durand⁶² considera que todo pensamento humano é representação, isto é, passa pelas articulações simbólicas, indicando uma continuidade no homem entre o ‘imaginário’ e o ‘simbólico’. O imaginário é assim esse conector necessário pelo qual se constitui toda representação humana. Nesse sentido o imaginário não se destaca das realizações humanas, sejam elas materiais ou psíquicas, favorecendo assim a construção de um sentido para as ações e pensamentos.

Paula Carvalho⁶³ entende que o imaginário é uma dimensão insubstituível de uma vida em profundidade que se estrutura em cinco níveis de todo conjunto humano estruturado: pessoas, interações, grupo, organização e instituição e,

[...] sua positividade funcional não se reduz, o que permite assegurar que entre o grupo e a realidade há sempre algo diferente das relações entre forças reais, há uma relação imaginária que unifica a existencialidade do grupo. Por isso é que ‘não há grupo sem imaginário e, banido um imaginário é ele substituído por outro... assim não há grupo sem mitos’ (p.36).

O uso do campo do imaginário permite um entendimento das narrativas para além do significado da linguagem (o que se diz) para o campo do sentido (o que se pretende dizer). Conforme Ortiz-Osés⁶⁴ (p. 138) o sentido visto pela hermenêutica simbólica, “[...] é aquilo que algo nos quer dizer humanamente, pelo que se preconiza um Humanismo pós-moderno ou descentrado, no qual o homem se apresenta transversalmente enquanto implicado e implicador ao mesmo tempo”.

Considerações finais

O Século XX foi pródigo em produzir ideias que levaram ao desenvolvimento humano e aos conflitos, nem um, nem outro desconhecido aos seres humanos de outros tempos. A ciência no geral, e a universidade em particular, foram talvez o grande fetiche de um momento histórico que viu suas estruturas serem abaladas pela arte e pela potência da afetividade. Teorias como as da relatividade e do caos puseram por terra convicções instituídas por um pensamento linear que persiste por mais de duas centenas de anos.

Os Jogos Olímpicos, compreendidos como um fenômeno resultante do contexto do breve século XX, como assim denominou Hobsbawm⁶⁵ transformaram-se em um dos maiores fenômenos socioculturais do planeta. Ao longo de um pouco mais de um século de existência, provocaram mudança de hábitos, introduzindo o esporte na agenda da educação e da saúde, mediante o uso da figura do atleta como o agente multiplicador de grandes feitos e de ideal identitário. O atleta passou, então, a ser utilizado de forma institucional como porta-voz de um estilo de vida e de um devir profissional que o aproxima da figura espetacular do herói. Retirado dessa condição mítica e reumanizado, seja durante o exercício da carreira competitiva ou na condição de pós-atleta, pode o atleta ressignificar sua trajetória a partir do ato reflexivo que envolve a organização e verbalização de suas memórias.

Esse gesto envolve não apenas uma imersão nos fatos que marcam sua trajetória de forma objetiva e linear, mas também remete à emergência de conteúdos afetivos, muitas vezes reprimidos para a sobrevivência ao momento em que a situação ocorreu. O momento da verbalização dessa narrativa a torna inequivocamente solidária, pois afirma um compartilhar, ao mesmo tempo em que expõe a pessoa e seus conteúdos mais íntimos e permite ao pesquisador a transcrição dessa biografia, ampliando seu conteúdo para o entendimento de uma esfera maior como o grupo social de pertencimento, a modalidade praticada, os resultados obtidos naquele momento histórico e o esporte olímpico brasileiro de forma mais ampla.

Compreender esse fenômeno, tanto de uma perspectiva social, como individual, a partir do referencial do protagonista, como do espectador do espetáculo, demanda inovação na forma de abordar e analisar o evento olímpico. Como postulado por Paula Carvalho⁶⁶ a emergência de novas formas de pensamento e métodos científicos convive com outros idealismos seculares provocando a tensão vivida no presente. Desse grande caldeirão de ideias surgem teorias e explicações para as manifestações humanas e da natureza, ora mais conservadoras, ora mais progressistas, confirmando assim o tensionamento conflituoso de onde surge também as novas ideias.

Inovar, empreender e criar parecem ser os verbos prediletos do momento. Porém, inovar, empreender e criar efetivamente significa não apenas inventar algo novo, sugere antes de tudo desafiar modelos já estabelecidos. É preciso conhecê-los para saber onde estão as limitações impostas, para então ocupar essas lacunas. Isso também quer

dizer que dificilmente inovaremos, empreenderemos ou criaremos algo absolutamente novo, afinal a capacidade humana de olhar para o mundo e desenvolver respostas às necessidades é infinita.

Os caminhos que levam a uma pesquisa costumam envolver curiosidade por um tema, uma pergunta norteadora e a falta de respostas para indagações não respondidas anteriormente. Superado o imaginário acadêmico que vinculava o pesquisador a um ambiente fechado, asséptico e exclusivo, a produção do conhecimento caminha em uma direção onde os limites do objeto são constantemente postos à prova, aproximando razão cognitiva e razão sensível. Essa postura favoreceu uma redefinição do então chamado "objeto", rebatizado de pessoas, identidades, temas, como também os caminhos para o acessar com o intuito de promover sua descrição e análise, sem negar ou desprezar teorias e epistemologias. Humanizado, contextualizado social e historicamente, objeto e método exigem do pesquisador, que também perdeu uma suposta isenção do seu objeto, um deslocamento de olhar, de escuta e de postura diante da pesquisa. O que resta então é olhar para cada problema e entendê-lo como um desafio cheio de possibilidades que desafia o pesquisador a buscar uma solução, porque se a situação se apresenta ainda como problema é porque ninguém entendeu aquilo como potencialidade.

E como num conto de Guimarães Rosa ou numa música de Elomar os "causos" representavam uma aproximação com as histórias de vida dos atletas olímpicos brasileiros. Visto agora com o distanciamento proporcionado pelos anos de trabalho as narrativas podem ser entendidas como uma das muitas possibilidades metodológicas de usar essas histórias para o entendimento dos rumos do esporte brasileiro a partir de um ponto de vista macro. Ou ainda no sentido específico que partes dessas histórias propiciava: o papel do esporte na escola, a iniciação esportiva, o significado da competição, a dor, o medo, a transição de carreira, agentes influenciadores. Essas diferentes temáticas dentro de uma mesma história jorravam como água límpida vertida de uma fonte que só podem ser entendidas a partir da dimensão sociocultural do movimento humano.

Entendo que a principal, senão maior, contribuição da pesquisa sobre narrativas biográficas dos atletas olímpicos brasileiros é a possibilidade de reconhecer esses seres publicitados como divinos em essencialmente humanos.

Referências

- 1 Halbwachs M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro; 2006.
- 2 Le Goff J. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp; 2003.
- 3 Rubio K. O atleta e o mito do herói. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 4 Bosi E. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*. 1993; 4(1/2): 277-284.
- 5 Delgado LAN. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica; 2006.
- 6 Ferraroti F. Histoire et histoires de vie. Paris: Librairie des Meridiens; 1983.
- 7 Meyer E. Desconstrucción de la memoria, construcción de la historia. História, antropología e fuentes orales. 1998; 19: 126-135.
- 8 Hall S. Thinking the Diaspora: Home-Thought from Abroad. *Small Axe*. 1999; 6: 1-18.
- 9 Hall S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A; 2001.
- 10 Poirier J, Valladon SC, Raybaut P. Histórias de vida. Teoria e prática. Oeiras: Celta; 1999.
- 11 Meihy JCSB, Holanda F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto; 2007.
- 12 Woodward K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes; 2000.
- 13 Veiga-Neto A. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades.... In.: Azevedo JC (org.). Educação e utopia na educação cidadã. Porto Alegre: Ed. Da Universidade UFRGS; 2000.
- 14 Sá CP. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2007; 20(2): 290-295.
- 15 Carvalho ICM. Biografia e identidade: aportes para uma análise narrativa. *Ambientalmente Sustentável*. 2007; (1): 3.
- 16 Fanton M. Sujeito, sociedade e linguagem. Uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa com narrativas biográficas. *Civitas*. 2011; 11(3): 529-543.
- 17 Khoury YA. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*. 2001; 22: 79-103.
- 18 Maluf SW. Antropologia, narrativas e busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*. 1999; 5(12): 69-82.
- 19 Oliveira P. Narrativas identitárias e construções subjetivas. Considerações teóricas e análise empírica de identificações entre jovens de classes populares. *Civitas*. 2011; 11(1): 156-171.
- 20 Pena F. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. 2004; VI(1): 79-89.
- 21 Schütze F. Biography Analysis on the Empirical Base of Autobiographical Narratives: How to Analyse Autobiographical Narrative Interviews. Parte I [citado 14 dez 2019]. Disponível em http://www.profit.uni.lodz.pl/pub/dok/6ca34cbaf07ece58cbd1b4f24371c8c8/European_Studies_2008_vol_1.pdf#page=152.
- 22 Sandler J, Dare C, Holder A. O paciente e o analista. Rio de Janeiro: Imago; 1977
- 23 Abel MC. O Insight na Psicanálise. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 2003; 23(4): 22-31.
- 24 Ricoeur P. Tempo e narrativa. V. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2010.

- 25 Rubio K. Agenda 20 + 20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. *Revista USP*. 2016; 108: 2012 – 28.
- 26 Rubio K, Melo G. Além da personalidade: para um entendimento do papel social e da identidade do atleta. In: Rubio K, Camilo, J. (orgs). *Psicologia Social do Esporte: desafios éticos, políticos e culturais*. São Paulo: Laços; 2019.
- 27 Comitê Olímpico Internacional. *Carta Olímpica*. Lausanne: COI; 2014
- 28 Müller N. *Olympism and sport for all*. Ancient Olympia: International Olympic Academy; 1991.
- 29 Rubio K. A história de vida como método e instrumento para a apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. *Motus Corporis*. 2003; 11(1); 9-21.
- 30 Rubio K. *Heróis olímpicos brasileiros*. São Paulo: Editora Zouk; 2004.
- 31 Rubio K. A experiência da pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. *Acervo*. 2014; 27(2): 93-105.
- 32 Rubio K. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: SesiSP Editora; 2015.
- 33 Rubio K. Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Letho. In.: Rubio, K. (Org.). *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços; 2016.
- 34 Veloso RC, Rubio K. Objetos biográficos: tempos vivos para narrativas. In.: Rubio, K. (org.). *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços; 2016.
- 35 Rubio K. Marcos de uma caminhada: imaginário, método, intuição e mapas de pesquisa com narrativas biográficas. In.: Leão, L. (org.). *Processos do Imaginário*. São Paulo: Laços; 2016.
- 36 Rubio K. O imaginário heroico do atleta contemporâneo In.: Rubio, K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017.
- 37 Bloch M. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
- 38 Silva HRK. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. *Métis: história & cultura*. 2002; 1(1): 25-38.
- 39 Pollok M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. 1989; 2(3,) 3-15.
- 40 Pereira LML. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*; 2000; 3: 117-127.
- 41 Debort GG. Problemas relativos à utilização da história de vida e da história oral. In: Cardoso, R. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra; 2004.
- 42 Bosi E. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê editorial; 2003.
- 43 Bosi E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.
- 44 Nora P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo; 1993; 10: 7-28.
- 45 Ricoeur P. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp; 2007.
- 46 Campbell J. *O herói das mil faces*. São Paulo: Cultrix; 1997.
- 47 Almeida WD, Rubio K. Three athletes, two countries and a single club: the process of identity formation of immigrant sailors in Brazil. *Open Access Library Journal*; 2017; 4(3): 01-12.

48 Almeida WD, Rubio K. Internationalism and diplomacy: the geopolitical challenges of the establishment phase of the Olympic Games. *International Sports Studies*. 2018; 40(2): 34-46.

49 Rubio K. Processos migratórios e deslocamentos: caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992. *Olimpianos - Revista de Estudos Olímpicos*; 2017; 1(1): 53 – 67.

50 Rubio K. Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In: Rubio, K. (Org.). *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Laços; 2014.

51 Rubio K. Identidade profissional e narrativas biográficas de pós-atletas olímpicos brasileiros. In.: Giglio SS, Amaral SCF, Ribeiro OCF, Bortoleto MAC. (orgs) *Múltiplos olhares sobre os Jogos Olímpicos*. São Paulo: Intermeios; 2018. p. 105-118.

49 Silva TT. A produção social da identidade e a diferença. In.: Silva TT. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes; 2000.

50 Rey FG. A emergência do sujeito e a subjetividade: sua implicação para a psicologia social. In: *O social na Psicologia e a Psicologia Social: a emergência do sujeito*. Editora Vozes; 2004.

51 Rubio K. Novas identidades e novas carreiras: a transição entre atletas olímpicos brasileiros. In: Rubio, K. (Org.). *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. p. 47-64.

52 Ricoeur P. A identidade narrativa. In: *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus; 1991. p. 168-180.

53 Ariés P, Duby G. *História da vida privada: Da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Cia. das Letras; 1990.

54 Ferreira Júnior NS, Rubio K. Término, transição e vida pós-atleta entre corredoras olímpicas brasileiras. *Olimpianos - Revista de Estudos Olímpicos*. 2017; 1(2): 187 – 209.

55 Ferreira Júnior NS, Rubio K. Carreira e pós-carreira: a transição entre pós-atletas olímpicos brasileiros. In.: Bento JO, Moreira WW, Loureiro ACC, Bento HCB, Botelho RG, Marinho TCST. (orgs). *Cuidar da casa comum: da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades da Educação Física e do Desporto*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física; 2018. p. 231-242.

56 Pollak M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*; 1992; 5(10): 200-215.

53 Ferreira Júnior N. O herói com rosto africano e o atleta olímpico negro. In.: Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 198-219.

54 Fetter JC, Rubio K. Dédalo e Ícaro: esporte, doping e valores olímpicos. In.: Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017, p. 72-87.

55 Francisco WV. Penélope e a esperança do atleta olímpico reserva: Possíveis trajetórias até a titularidade. In.: Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 134-153.

56 Freitas R, Rubio K. O atleta e a tentação: para um entendimento do Canto da Sereia In.: Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 169-182.

57 Leão L, Silva T. O mito dos Argonautas e os sete princípios de jornada coletiva no esporte. In.: Rubio K. (org.) *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 48-57.

58 Tonon LMM. Sísifo e o adestrador do tempo. In.: Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 120-133.

59 Veloso RC. Vida e sacrifício do ciclista olímpico Cezar Daneliczen. In.: Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 182-197.

Rubio K. Identidade heroica e narrativas biográficas: A memória do esporte por atletas olímpicos. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2019; 3: 1-24.

60 Veloso RC. As montanhas para o ciclismo de estrada – substância e cisão entre heróis. In.: Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 88-99.

61 Bachelard G. *O novo espírito científico*. Lisboa: Edições 70; 1996.

62 Durand G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

63 Paula Carvalho JC. A dimensão do imaginário na problemática organizacional da educação. *Revista da Faculdade de Educação (USP)*. 1985; 11(1/2): 19-42.

64 Ortiz-Osés A. Hermenêutica, sentido e simbolismo. In.: Araújo AF, Baptista FP. (coord.). *Variações sobre o imaginário. Domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget; 2003.

65 Hobsbawn E. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras; 2001.

66 Paula Carvalho JC. *Imaginário e Mitodologia: hermenêutica dos símbolos e estórias de vida*. Londrina: Editora UEL; 1998.